

Epistemologia e história dos conceitos de enunciação e de figuratividade na semiótica francesa

Epistemología e historia de los conceptos de enunciación y de la figuratividad en la semiótica francesa

Epistemology and history of enunciation and of figurativity concepts in the french semiotics

Maria Goreti Silva Prado*
Flavia Karla Ribeiro Santos**

RESUMO: Neste trabalho, historiografamos os conceitos de enunciação e de figuratividade para demonstrarmos como despontaram e se desenvolveram na semiótica francesa, disciplina que se preocupa com o modo como o sentido é construído no discurso. Considerando a operacionalidade desses dois conceitos no discurso e o fato de na semântica discursiva a figuratividade ser responsável pelo reconhecimento do discurso como verdadeiro, também buscamos explicitar como a enunciação e a figuratividade se relacionam. Percebemos que os dois conceitos foram concebidos inicialmente como elementos de análise presentes apenas na semântica discursiva, mas passaram a integrar todos os níveis do percurso gerativo do sentido em um segundo momento. Além disso, ambos passaram a ocupar um lugar de destaque dentro da semiótica após a publicação de *De l'imperfection*, de A. J. Greimas. Para chegarmos a esse resultado, aplicamos à pesquisa a metodologia da historiografia linguística, disciplina conhecida por descrever e interpretar os produtos e os trabalhos resultantes da história de uma ciência ou de um conceito através de um levantamento dos autores e de sua bibliografia. O método desenvolvido por pesquisadores como E. F. K. Koerner, P. Swiggers e C. Altman, consiste em periodizar, interpretar as transformações sofridas pelos conceitos e descrevê-las visando ao estabelecimento, à fundamentação e ao desenvolvimento da teoria ou do conceito historiografado, que, neste estudo, são os conceitos de enunciação e de figuratividade a partir de estudos realizados por A. J. Greimas, J. Fontanille, J.-C. Coquet, D. Bertrand, entre outros semioticistas.

PALAVRAS-CHAVE: Enunciação. Figuratividade. Historiografia linguística. Semiótica.

* Doutoranda em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Unesp - Araraquara; Mestre em Linguística e Língua Portuguesa e Especialista em Teorias Linguísticas e Ensino pela mesma instituição; Graduada em Letras - Licenciatura Plena em Língua Portuguesa e Língua Inglesa na Fundação Dr. Raul Bauab de Jaú. E-mail: magoreti.silva@gmail.com.

** Doutoranda em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Unesp - Araraquara; Mestre em Linguística pela Universidade de Franca; Especialista e Estudos Linguísticos e Literários e Graduada em Letras - Licenciatura Plena em Língua Portuguesa pela mesma instituição. E-mail: flaviakarlar@hotmail.com.

RESUMEN: En este trabajo, hicimos una historiografía de los conceptos de enunciación y de figuratividade para demostrar cómo aparecieron y se desarrollaron en la semiótica francesa, disciplina que estudia los modos de construcción del sentido en el discurso. Considerando el carácter operativo de los dos conceptos en el discurso y el hecho de que en la semántica discursiva la figuratividade es responsable por reconocer al discurso como verdadero, buscamos también dar a conocer las relaciones entre enunciación y figuratividade. Advertimos que si bien los dos conceptos fueron concebidos inicialmente como elementos de análisis presentes en la semántica discursiva, posteriormente fueron integrando todos los niveles del recorrido generativo del sentido. Así mismo, ambos pasaron a ocupar un lugar relevante dentro de la semiótica tras la publicación de *De L'imperfection*, de A. J. Greimas. Para llegar a ese resultado, aplicamos al estudio la metodología de la historiografía lingüística, disciplina conocida por describir e interpretar los productos y los trabajos obtenidos de la historia de una ciencia o de un concepto mediante el análisis de los autores y su bibliografía. El método desarrollado por investigadores como E. F. K. Koerner, P. Swiggers e C. Altman, consiste en periodizar e interpretar las transformaciones de los conceptos y describirlas revisando el establecimiento, la fundamentación y el desarrollo de la teoría o del concepto historiografado que, en este estudio, son los conceptos de enunciación y figuratividade a partir de estudios realizados por A. J. Greimas, J. Fontanille, J.-C. Coquet, D. Bertrand, entre otros semióticos.

PALABRAS-CLAVE: Enunciación. Figuratividade. Historiografía lingüística. Semiótica.

ABSTRACT: In this paper, we examine through historiography the concepts of enunciation and figurativity in order to demonstrate how they emerged and developed in the French semiotics, discipline that is concerned with the meaning and how it is built in the discourse. Considering the operability of both concepts in the discourse and the fact that in the discursive semantics the figurativity is responsible for the recognition of discourse as true, we also seek to explicit how the enunciation and the figurativity are related. We realize that both concepts were previously conceived as elements of the analysis only present in the discursive semantics, but they began to integrate all levels in the meaning generative path in a second moment. Besides, both started to occupy a prominent place in the semiotics after *De l'imperfection* was published by A. J. Greimas. To achieve this result, we applied to the research the linguistic historiography methodology, discipline known for its description and interpretation of products and the results of history works of a science or a concept through a survey of authors and his bibliography. The method developed by researchers as E. F. K. Koerner, P. Swiggers and C. Altman, consists of periodizing, interpreting the transformations occurred in the concepts and describing them, by aiming the establishment, the foundation and the development of theory or the historiographed concept, which, in this study, are the concepts of enunciation and figurativity from the studies done by A. J. Greimas, J. Fontanille, J.-C. Coquet, D. Bertrand, among other semioticians.

KEYWORDS: Enunciation. Figurativity. Linguistic historiography. Semiotics.

Introdução

Neste artigo, apresentamos um breve estudo historiográfico e epistemológico sobre dois conceitos que pertencem à metalinguagem da teoria semiótica de vertente francesa: a enunciação e a figuratividade.

A enunciação, inicialmente, foi definida como instância pressuposta pelas marcas encontradas no enunciado, e como instância de mediação entre os níveis semionarrativo e o discursivo. É, pois, uma abordagem que destacou as articulações internas do texto. Em uma segunda fase, os estudos enunciativos focaram o ato de discurso, portanto, a preocupação não era mais com o objeto semiótico articulado em forma da expressão e forma do conteúdo, mas com o ato de enunciação, cujo produto é o enunciado. Já a figuratividade é um conceito oriundo da teoria estética que em semiótica "foi estendido a todas as linguagens, tanto verbais quanto não-verbais, para designar esta propriedade que elas têm em comum de produzir e restituir parcialmente significações análogas às de nossas experiências perceptivas mais concretas" (BERTRAND, 2003, p. 154).

Nosso objetivo é apresentar uma leitura crítica desses elementos da metalinguagem semiótica que se desenvolveram ao longo da história da semiótica, além de demonstrar como eles se inter-relacionam. Considerando que a disciplina historiografia linguística pode ser definida como um processo no qual os produtos e os trabalhos resultantes da história de uma ciência são descritos e interpretados através de um levantamento dos autores e de sua bibliografia, utilizamos a metodologia de pesquisa desenvolvida por E. F. K. Koerner, P. Swiggers, e C. Altman para fazermos um levantamento minucioso e crítico sobre a enunciação e a figuratividade na semiótica francesa, além de compreender o contexto em que esses conceitos despontaram e se desenvolveram no quadro geral da teoria.

Destacamos que nosso objeto de análise é a própria teoria, por isso investigamos textos que discutem exaustivamente a enunciação e a

figuratividade, além de obras completas ou que dedicam pelo menos capítulos inteiros ao estudo desses conceitos. Esse material é fundamental para a periodização, interpretação das transformações sofridas no modelo teórico greimasiano e descrição dessas transformações visando ao estabelecimento, à fundamentação e ao desenvolvimento dos conceitos em exame. Assim, por meio do inventário de artigos, capítulos de livros e/ou livros de semiótica que tenham sido publicados entre 1966 e 2000 por pesquisadores como A. J. Greimas, J. Fontanille, D. Bertrand, T. Keane, J.-C. Coquet, J. C Fiorin, J.-M. Floch entre outros, poderemos demonstrar como o desenvolvimento de um conceito influenciou na evolução do outro, a exemplo da articulação evidenciada no contrato de veridicção, em que o enunciador busca, por meio do raciocínio figurativo, a crença do enunciatário.

A historiografia linguística como aparato metodológico

Antes de discorrermos sobre a história dos conceitos de enunciação e de figuratividade, é preciso estabelecer de que forma faremos isso, ou seja, precisamos definir o método que será utilizado na pesquisa. Tendo em vista que o nosso foco é historiografar esses conceitos semióticos, a metodologia da historiografia linguística parece-nos a mais adequada para a tarefa.

A historiografia linguística é uma linha de pesquisa acadêmica que surgiu da reunião de duas disciplinas – linguística e história – ao observarem o objeto língua na interação social e que tem o objetivo de descrever e explicar a produção e o desenvolvimento do conhecimento linguístico dentro de um contexto sócio-histórico de determinada cultura, explica Altman (1998, p. 29). Koerner (1996, p. 46-47) vai mais ao fundo dessa questão. Para ele, mesmo que o historiógrafo relate acontecimentos passados, sua tarefa vai além da descrição da história de uma atividade linguística, pois também é importante ter a capacidade de sintetizar as informações adquiridas principalmente de fontes originais.

Desse modo, para que a tarefa do historiógrafo seja empreendida com sucesso, Swiggers (2009, p. 68) propõe o uso de uma metodologia que confira cientificidade à pesquisa, levando em conta o objeto, o período a ser descrito, o material de que o pesquisador disponibiliza, a disposição do pesquisador e a perspectiva adotada por ele. Nesse sentido, a descrição historiográfica se baseia na constituição de um *corpus* cuja extensão pode abranger uma obra particular, o conjunto da produção de um autor, ou um conjunto de textos de determinado objeto de estudo, que podem ser delimitados geográfica, histórica ou tematicamente. Pensando em tudo isso, Koerner e Swiggers desenvolveram aparatos metodológicos bem consistentes para a disciplina que nos parecem adequados para o exame dos conceitos de enunciação e de figuratividade.

Nosso percurso investigativo

Para procedermos nossa investigação, após a realização de uma revisão bibliográfica, necessária para termos uma visão geral sobre os conceitos e amparar nossa análise, obedecemos à proposta de Swiggers (2009, p. 70) e fizemos um inventário dos textos-fontes disponíveis para serem manuseados e lidos dentro de uma delimitação temporal previamente imposta: de 1966, ano em que foi publicada a obra inaugural da semiótica, *Sémantique structurale* (*Semântica estrutural*, conforme tradução para o português¹), a 2000. Para escolhermos os textos-fontes consideramos as obras basilares para a semiótica, como as obras de autoria de Greimas, e aquelas exclusivamente dedicadas ao estudo dos conceitos investigados, como os trabalhos de J-C Coquet, J. Fontanille, D. Bertrand, I. A. Silva, T. Keane, J-M Floch, ou que dedicaram capítulos inteiros ao tema abordado, a exemplo de J. Fontanille e C. Zilberberg, D. Bertrand. Entretanto, como a história dos conceitos investigados dentro da semiótica sofreu influência de trabalhos realizados por pesquisadores de outras disciplinas e publicados em anos anteriores a 1966, tais textos também

¹ Como utilizamos a publicação brasileira de 1973 neste trabalho, traduzida por Haquira Osakabe e Izidoro Blikstein, as próximas citações da obra serão em português: *Semântica estrutural*.

integram nosso inventário de textos-fontes. Destacamos, nesse caso, a importância dos trabalhos de Émile Benveniste para a enunciação e de Louis Hjelmslev para a figuratividade.

Após a leitura e estabelecida a cronologia dos textos, catalogamos os textos e os autores que versaram sobre enunciação e figuratividade no papel de elementos de análise linguística, sem deixarmos de lado o inventário das datas em que foram publicados (entre 1966 e 2000), das discussões que mais envolveram a comunidade científica à época e das preocupações dos semioticistas em relação ao desenvolvimento da teoria. Em outros termos, consideramos uma perspectiva interna (imaneente) da teoria, mas sem desconsiderar o espírito científico da época.

Feito esse inventário, analisamos e descrevemos os materiais reunidos e identificados, assim como propõe Swiggers (2009, p. 70), que apresentamos, na sequência, a partir dos estudos sobre enunciação. Cabe esclarecer, porém, que a própria organização de nossa narrativa sobre a história dos conceitos investigados, por meio da citação dos textos-fontes, dos autores e das datas de publicação dos textos, orientará a leitura pelo viés historiográfico proposto neste trabalho. As considerações, ao final do artigo, refletem nossa interpretação do material ora analisado e descrito.

A evolução dos estudos enunciativos na semiótica de linha francesa

Enunciação é um conceito que na linguística europeia já se anunciava desde o final da década de 1950. As reflexões de Émile Benveniste foram de grande importância para o desenvolvimento desse assunto, principalmente as ideias apresentadas nos célebres artigos escritos entre as décadas de 1950 a 1970, sendo eles "*A natureza dos pronomes*", "*Da subjetividade da linguagem*", "*Os níveis de análise linguística*", "*A linguagem e a experiência humana*" e "*O aparelho formal da enunciação*". Esses artigos foram publicados em diferentes revistas e posteriormente inseridos nos livros "*Problemas de linguística geral I*" (1976) e "*Problemas de linguística geral II*" (2006), edições brasileiras. Tais obras foram publicadas, em Paris, respectivamente, nos anos de 1966 e de 1974, pela Gallimard, com o título original de "*Problèmes de linguistique générale*" e "*Problèmes de linguistique générale II*".

Em "A natureza dos pronomes"², o estudioso observou que alguns pronomes indicam a

² Texto publicado pela primeira vez em *For Jakobson*, Mouton & Co., Haia, 1956, neste trabalho, utilizamos a tradução brasileira inserida na obra *Problemas de linguística geral I*, 1976, p. 277-283.

pessoa do discurso, como é o caso do pronome “eu/tu”, outros pertencem ao sistema, pois eles não são reflexivos da instância do discurso – ato único pelo qual a língua é atualizada por um locutor – uma vez que eles não são reflexivos podem remeter a qualquer objeto, como acontece com o pronome de terceira pessoa “ele” considerado não pessoa. Nesse estudo, Benveniste postulou que,

[...] os pronomes não constituem uma classe unitária, mas espécies diferentes segundo o modo de linguagem do qual são os signos. Uns pertencem à sintaxe da língua, outros são característicos daquilo a que chamaremos as “instâncias do discurso”, isto é, os atos discretos e cada vez únicos pelos quais a língua é atualizada em palavra por um locutor. (BENVENISTE, 1976, p. 277).

Na continuação de seus estudos, Benveniste abordou outro assunto muito complexo e polêmico, que foi a questão “da subjetividade na linguagem”³. Esse tema trouxe à discussão outras problemáticas como as questões referentes à temporalidade, à realidade, à fenomenologia e à psicologia. Para o autor, a subjetividade, cuja base está no exercício da língua, diz respeito à capacidade do locutor se colocar como sujeito em seu discurso. Benveniste (1976, p. 286) postulou que “[...] cada locutor se apresenta como *sujeito*, remetendo a ele mesmo como *eu* no seu discurso”, portanto, a subjetividade se manifesta na instância discursiva.

Em “Os níveis de análise linguística”⁴, o autor, buscando estabelecer um princípio de análise linguística, segmentou o domínio das línguas verbais em níveis de pertinência, estabelecendo os merismas (ou traços distintivos) como o nível inferior e a frase como o nível superior. Essas reflexões corroboraram com o pensamento desenvolvido por esse estudioso quando dos estudos sobre os pronomes no qual foram estabelecidos dois universos linguísticos. Dessa forma, Benveniste (1976, p. 139) concluiu “que se deixa com a frase o domínio da língua como sistema de signos e se entra num outro universo, o da língua como instrumento de comunicação, cuja expressão é o discurso”. A primazia que, na perspectiva estruturalista, era da linguagem, passou a ser a do discurso. Essa mudança de foco resgatou o conceito de instância introduzida pelo autor no artigo “A natureza dos pronomes”.

³ Texto publicado pela primeira vez em 1958, em *Journal de psychologie*, P.U.F., neste trabalho, utilizamos a tradução brasileira inserida no livro *Problemas de linguística geral I*, 1976, p. 284-293.

⁴ Texto publicado pela primeira vez em *Proceedings of the 9th International Congress of linguists*, Cambridge, Mass, 1962, neste trabalho, utilizamos a tradução brasileira inserida no livro *Problemas de linguística geral I*, 1976, p. 127-140.

No artigo "A linguagem e a experiência humana"⁵, Benveniste procurou explicar duas categorias essenciais do discurso, a de pessoa e a de tempo. Em relação à categoria de pessoa, o autor postula que aquele que fala identifica-se sempre pela mesma forma gramatical "eu". Esse indicador, fora do discurso, é uma forma vazia, pois não se refere nem a um objeto nem a um conceito, mas, quando empregado no discurso, isto é, ao mudar de domínio, passando da língua ao discurso, torna-se uma forma plena e nele introduz a presença da pessoa, sendo considerado como ponto de referência da organização do campo discursivo.

Ao abordar as questões referentes ao tempo, primeiramente o estudioso distinguiu três níveis – o tempo físico, o crônico e o linguístico. O tempo linguístico está ligado ao ato de fala, ele tem seu centro na instância de discurso e se renova a cada vez em que é enunciado, portanto, o presente é o tempo intrínseco ao discurso. Esse tempo é considerado subjetivo, pois o ato de fala é individual e a instância de que resulta o presente é sempre nova, porém funciona também como um fator de intersubjetividade uma vez que a temporalidade do locutor é aceita por seu interlocutor. Com essas reflexões, o autor apresentou duas propriedades do discurso. A primeira refere-se à pessoa do discurso, quem fala refere-se a si mesmo pela mesma forma linguística "eu"; a segunda, diz respeito ao tempo, o presente é reinventado sempre que o homem fala, portanto, é um presente contínuo.

Em "O aparelho formal da enunciação"⁶, Benveniste introduziu uma distinção em relação ao emprego das formas e ao emprego da língua, explicando que tal diferença acarretaria "uma outra maneira de ver as mesmas coisas, uma outra maneira de as descrever e de as interpretar" (BENVENISTE, 2006, p. 81). O autor destacou também a dificuldade em apreender esse fenômeno denominado enunciação, que ele definiu como o "[...] colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização" (BENVENISTE, 2006, p. 82). Buscando estabelecer esse quadro formal, o estudioso, primeiramente, introduziu a presença do locutor, constituindo um centro de referência, como condição necessária à enunciação. Os pronomes tornaram-se classes de indivíduos linguísticos. As formas temporais foram estabelecidas a partir do centro de referência, e o presente, tido como a origem do tempo, é o tempo inerente à enunciação. Além dessas formas que a enunciação organiza, ela dispõe de um aparelho de funções (interrogação, intimação, asserção).

Apesar de esse trabalho desenvolvido por Benveniste ser a base em que se elaborou o conceito de enunciação na semiótica, a visão estruturalista sobre a qual foi fundada a semiótica

⁵ Texto publicado pela primeira vez em 1965, na revista *Diogène*, Paris, U.N.E.S.C.O., Gallimard, n. 51, pp. 3-13, neste trabalho, utilizamos a tradução brasileira inserida no livro *Problemas de linguística geral II*, 2006, p. 68-80.

⁶ Texto publicado pela primeira vez em 1970, na revista *Langages*, Paris, Didier-Larousse, n. 17, p. 12-18, neste trabalho, utilizamos a tradução brasileira inserida no livro *Problemas de linguística geral II*, 2006, p. 81-90.

obstruiu o acesso ao sujeito no início do projeto greimasiano, como demonstra François Dosse (2007, p. 69) no segundo volume de *História do Estruturalismo*. Assim, a semiótica francesa, que teve como discurso fundador a obra *Semântica estrutural* (1966), de A. J. Greimas, publicada no mesmo ano em que foi publicado *Problèmes de linguistique générale I* (1966), de Benveniste, inspirada pelas proposições hjelmslevianas, cujo ponto de vista levava em conta que “a normalização da língua permite a construção de enunciados canônicos somente em terceira pessoa” e desconsidera a temporalidade de um “então”, devido à indefinição temporal (DOSSE, 2007, p. 69-70), ia de encontro aos estudos benvenistianos.

Os estudos semióticos tiveram como ponto de partida a análise do trabalho de W. Propp (1928) por A. J. Greimas e por C. Lévi-Strauss, sendo que essas reflexões contemplaram o enunciado e o tempo descontínuo, pois as preocupações estavam voltadas à descrição dos estados e de suas transformações. Por isso, na década de 1960, desenvolveu-se uma semiótica do enunciado preocupada com a descrição dos estados e de suas transformações, em que se estabeleceram as regras de organização da narrativa, isto é, uma sintaxe narrativa passível de analisar qualquer tipo de texto: “Tanto para Greimas quanto para Dubois, importava normalizar o sujeito, considerado o elemento que veio parasitar o objeto científico a construir” (DOSSE, 2007, p. 69).

No início da década de 1970, a problemática envolvendo a enunciação começava a incomodar a comunidade dos semioticistas. Na introdução do livro *Essais de sémiotique poétique*⁷, publicado em 1972, na França, Greimas destacou que era preciso estabelecer o estatuto da enunciação. Nesse texto, o estudioso alertava para que,

[...] ao tempo em que se recusa uma nova mistificação, que permitiria a reintrodução, por portas travessas, da problemática do “inefável”, deve-se procurar determinar o estatuto e o modo de existência do sujeito da enunciação. (GREIMAS et al., 1976, p. 26-27).

No ano seguinte, Greimas veio ao Brasil e ministrou o curso “Teoria Semio-Linguística do Discurso”, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Barão de Mauá, em Ribeirão Preto, SP. Em resposta aos questionamentos dos professores Edward Lopes e Ignacio Assis Silva, referentes à dicotomia enunciado/enunciação, Greimas (1974, p. 9-25) definiu o enunciado como todo encadeamento sintagmático que transcende a frase e compõe o discurso, explicou que a existência do enunciado pressupõe um sujeito responsável por esse enunciado, que seria o sujeito da enunciação. A partir desse raciocínio, o estudioso de Genebra formulou uma primeira definição de enunciação como sendo um enunciado no qual apenas o actante-objeto é manifestado, apresentando a mesma estrutura do enunciado manifestado e só podendo ser

⁷ Na citação, utilizamos a publicação brasileira *Ensaio de semiótica poética*, 1976.

apreendida pela forma de pressuposição lógica.

Em 1979, em *Sémiotique: dictionnaire raisonné de la théorie du langage*, Courtés e Greimas reforçaram e complementaram a definição acima dizendo que,

[...] **enunciação** se definirá de duas maneiras diferentes: seja como estrutura não-linguística (referencial) que subteme à comunicação linguística, seja como uma instância linguística, logicamente pressuposta pela própria existência do enunciado (que dela contém traços e marcas*). (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 166).

Os autores explicam que a primeira definição de enunciação como instância de colocação em discurso se deve aos estudos de Benveniste, e a segunda é a da semiótica que a considera instância pressuposta pelo enunciado e de mediação entre as estruturas semionarrativas e as discursivas.

Na sequência de seus estudos, Greimas, na obra publicada em 1983, intitulada *Du sens II: Essais sémiotiques*⁸ (GREIMAS, 1983b), não só elaborou um estudo sobre a estrutura narratológica da enunciação como também antecipou concepções que pertencem ao conjunto teórico atual da teoria ao declarar que

[...] é o discurso que, ao introduzir as categorias da intensidade e da aspectualidade, permite não apenas graduar a persuasão antifrasal - pois a menor dúvida acerca de sua competência afeta o sujeito desafiado -, mas também articular aspectualmente as estruturas imaginárias que preparam a resposta do sujeito manipulado, resposta cujos efeitos de sentido, em função, entre outros, do perigo, da dificuldade da tarefa ou da humilhação sofrida, são múltiplos e diversos. (GREIMAS, 2014, p. 231).

Parafraseando Dosse (2007, p. 403), é nos anos de 1980 que a teoria da enunciação ganha impulso entre os linguistas, êxito que chega aos estudos semióticos de vertente greimasiana. Assim, as reflexões de Jean-Claude Coquet, um dos primeiros estudiosos a participar do grupo liderado por Greimas, foram de grande relevância para o desenvolvimento dos estudos enunciativos na semiótica francesa, principalmente as ideias apresentadas nas obras *Le discours et son sujet 1* (COQUET, 1984), *Le discours e son sujet 2*

⁸ Na citação, utilizamos a publicação brasileira *Sobre o sentido II. Ensaios semióticos*, 2014.

(COQUET, 1985) e *La quête du sens* (COQUET, 1997), que, apesar da obra ter sido publicada no ano de 1997, a maioria de seus capítulos eram textos que já haviam sido publicados na década de 1980 em jornais ou em revistas. O conjunto de seus postulados ficou conhecido como semiótica subjetal, pois considerava a enunciação e o tempo linguístico, subjetivo, que se organiza em função do discurso. Trata-se de um ponto de vista oposto à semiótica objetal de Greimas, definida por ele e Courtés em 1979, no *Sémiotique: dictionnaire raisonné de la théorie du langage*, conforme relata Dosse (2007, p. 405).

Coquet, desde o início de seus estudos, preocupou-se em elaborar as dimensões epistemológica e teórica de uma semiótica que considerava o actante enunciante e sua presença corporal. Para esse estudioso, as questões enunciativas fundamentaram-se na existência de uma instância discursiva constituída por três categorias: o núcleo, que constrói seu espaço discursivo; o tempo linguístico, considerado subjetivo, representado por um presente contínuo, e o espaço discursivo, heterogêneo, não euclidiano.

Em suas reflexões, Coquet postulou que o sujeito se apropria de uma experiência vivida e a transmite a outro. Esse processo representa a relação entre a linguagem e o ser, segmentada em duas fases. A primeira, correspondendo ao acontecimento e à vivência desse acontecimento percebida por um sujeito (corpo próprio); na segunda, essa realidade é transformada em discurso, é reproduzida. Esse mecanismo de apropriação e de transmissão de uma experiência vivida fundamentou-se em três níveis denominados instâncias enunciantes, por conta disso os estudos de Coquet ficaram conhecidos como semiótica das instâncias - instância de origem, instância produtora e instância receptora -, cuja base é a percepção.

Coquet, ao formular seu pensamento teórico, tomou por base o postulado de Benveniste referente à dupla dimensão do ato de enunciação - a predicação e a asserção - creditadas ao sujeito. O ato de predicar funda a enunciação. Os atos de predicar e de assertar fundam a instância do "ego", centro de enunciação, portanto, o ato de enunciar conjuga as instâncias

corporal (não sujeito) e julgadora (sujeito). Por último, o quase sujeito, constitui-se na instância que faz fronteira entre o sujeito e o não sujeito, é o agente transformador que marca a passagem do inconsciente ao consciente. Dessa forma, Coquet estabeleceu a instância de origem (IO), cuja função é fazer conhecer o que enunciam suas componentes - sujeito/não sujeito/quase sujeito.

Os outros dois níveis que constituem a instância enunciante são a instância projetada (IP) formada pelo narrador, personagens, enfim, o texto como um todo; e a instância de recepção (IR), o leitor. A instância de recepção é constituída pelos mesmos componentes da instância de origem, porém realiza um percurso inverso, isto é, da instância projetada à instância de origem.

Desde o início, a semiótica subjetal, denominação atribuída pelo próprio Coquet aos estudos que desenvolveu, revelou certa independência epistemológica em relação ao pensamento semiótico postulado pelo grupo organizado por A. J. Greimas, por conta disso, a semiótica subjetal foi considerada, por muitos, outro paradigma teórico.

Outra contribuição importante para a evolução dos estudos enunciativos da semiótica nos anos de 1980 foram as reflexões desenvolvidas por Jacques Fontanille e publicadas nas obras *Le savoir partagé - Sémiotique et théorie de la connaissance chez Marcel Proust* (FONTANILLE, 1987) e *Les espaces subjectifs - Introduction à la sémiotique de l'observateur* (FONTANILLE, 1989), embora tenham sido publicadas, respectivamente, em 1987 e em 1989 elas são resultantes do Doutorado "d'Etat" defendido pelo autor em 1984. Nesse estudo, Fontanille destacou que o saber, como objeto semiótico, pode ser encontrado tanto no enunciado como na enunciação. No enunciado, o saber é considerado o objeto de circulação de informações entre os personagens, e o responsável por tecer o desenvolvimento narrativo. Na enunciação, o saber encontra-se implicado nos processos de discursivização, isto é, na construção da significação como um dos objetos do fazer semiótico.

No segundo tomo do *Sémiotique: dictionnaire de la théorie du langage II*, publicado em 1986, em Paris, Greimas e Courtés contaram com a colaboração de vários estudiosos na elaboração ou complementação dos conceitos. No verbete enunciação, Denis Bertrand⁹ destacou que um sujeito enunciador estabelece uma relação predicativa a partir de um acontecimento e de suas coordenadas espaço-temporais. O enunciado produzido conserva os traços de sua enunciação de tal maneira que possibilita a um segundo parceiro da comunicação reconstruir e interpretar o sentido do enunciado, dessa forma, do ponto de vista dos enunciadores, todo enunciado resulta de uma relação intersubjetiva.

A década de 1980 foi muito produtiva para os estudos enunciativos, tanto para consolidar o quadro teórico que começou a ser esboçado nos anos de 1970, como para a incorporação de novos componentes à epistemologia semiótica, como foi o caso dos estudos das paixões, que tornou premente a necessidade de expansão do projeto semiótico. Na década de 1990, *Sémiotique des passions*. Des états de choses aux états d'âme (1991) marca essa reviravolta no conjunto teórico-epistemológico da teoria.

Sémiotique des passions, apesar de ter sido publicada em 1991, reuniu reflexões desenvolvidas nos seminários organizados por A. J. Greimas, em Paris, no decorrer dos anos de 1980. Na obra, Greimas e Fontanille ao articularem as categorias da junção (conjunção/disjunção e não disjunção/não conjunção) com os modos de existência (realizado/atualizado/virtualizado) reconheceram que uma quarta posição no quadrado semiótico ainda não havia sido preenchida. Dessa forma, denominam essa posição de modo de existência potencializado, correspondendo a uma porta aberta no percurso narrativo para a entrada do universo passional.

Um dos caminhos abertos com a introdução do componente passional foi a problemática envolvendo o conceito de presença na semiótica. Fontanille e Zilberberg, em *Tension et signification* (1998), apresentaram o conceito sob a

⁹ Verbetes inserido em Greimas e Courtés (1986, p. 75-76).

forma de estrutura tensiva, ou seja, consideraram as dimensões enunciativas actanciais, temporais e espaciais como categorias tensivas. Os autores reconhecem também que a percepção é a base da apreensão da significação, atribuindo ao ato perceptivo prioridade na organização do processo de significação.

Além disso, em *L'impersonnel de l'énonciation*, Denis Bertrand (1993, p. 25-32) postulou que, na evolução dos estudos enunciativos, uma abordagem subjetiva e individual da enunciação foi progressivamente substituída por uma abordagem intersubjetiva do mesmo ato. Porém, essa problemática estava novamente se deslocando, desta vez, para o conceito de práxis enunciativa, que por meio da acumulação dos atos de discurso e da repetição de seus enunciados, projeta configurações coletivas estabilizadas em formações discursivas em um universo cultural sob a forma de estereótipos discursivos. Dessa forma, o autor propõe uma concepção de enunciação que articula a enunciação individual com as organizações culturais significantes, sedimentadas e esquematizadas que dependem da práxis enunciativa.

Resumindo, as questões enunciativas na semiótica francesa começaram a se sobressair na década de 1970. O início desses estudos caracterizou-se por tratar essas questões como a projeção dos actantes e das coordenadas espaço-temporais no texto, ou em produzir um efeito contrário, isto é, de retorno dessas categorias à enunciação, processos que a teoria denominou de *debreagem* e de *embreagem* respectivamente. Posteriormente, em uma segunda fase, a enunciação passou a ser entendida como uma instância presente em todas as camadas do percurso gerativo, assim como a figuratividade, de que trataremos em seguida.

Da concepção hjelmsleviana de figura ao "além (do) sentido" da figuratividade

Relacionado à representação pictoral, o termo figuratividade foi tomado de empréstimo à teoria estética e melhor aceito na semiótica, ressalta Bertrand (2003, 1983). O conceito passou a fazer parte da metalinguagem semiótica no

final da década de 1970, momento em que o arranjo figurativo, responsável pela construção dos efeitos de realidade que levam o enunciatário a crer no discurso, foi situado no nível mais superficial do percurso gerativo, mais precisamente, na semântica discursiva.

Embora o conceito de figuratividade não integre a metalinguagem da semiótica desde o princípio da teoria, em *Semântica estrutural* (GREIMAS, 1973) o tratamento das noções de interoceptividade, exteroceptividade, manifestação figurativa e não figurativa e, principalmente, de figura, termo do qual resulta a figuratividade, já dava indícios da existência de uma organização figurativa responsável pela produção da significação no âmbito do discurso verbal e, ulteriormente, em formas discursivas não verbais ou sincréticas. Vale ainda esclarecer que o termo figura já fazia parte de estudos de teóricos contemporâneos de Greimas, desde a época em que se dedicava à lexicologia. São pesquisadores de outras áreas das ciências humanas, mas suas obras exerceram influência na construção do projeto greimasiano e, sobretudo, no entendimento de como a figuratividade contribui com a significação, como a *Phénoménologie de la perception* (MERLEAU-PONTY, 1999), de Merleau-Ponty, as *Philosophical Investigations* (WITTGENSTEIN, 1999), de Wittgenstein e *La Pensée sauvage* (LÉVI-STRAUSS, 1989), de Lévi-Strauss. Entre os linguistas, Saussure (1985) fez uso do termo em uma acepção mais abrangente no CLG, mas foi Hjelmslev quem o estudou mais a fundo nos *Omkring sprogteoriens grundlæggelse* (1943)¹⁰, traduzido para o inglês *Prolegomena to a theory of language* em 1961 e para o português *Prolegômenos a uma teoria da linguagem* em 1975.

Tendo em vista que o conceito de figuratividade passou por diversas fases dentro da teoria, assim como a enunciação, e que não só deriva do termo figura, da perspectiva etimológica, mas também está relacionado ao modo como as figuras se organizam no discurso para produzir sentido, mais

¹⁰ Essa obra foi traduzida para o inglês em 1961, com o título *Prolegomena to a theory of language*. Ao longo deste trabalho, faremos referência a esse texto pelo título em português: *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*.

precisamente, para que uma enunciação enunciada seja tomada como verdadeira por seu enunciatário, nossa investigação parte do conceito de figura na perspectiva hjelmsleviana. Nos *Prolegômenos*, Hjelmslev (2003, p. 47) assegura que a linguagem é um sistema de signos e que, tal qual preconiza Saussure (1995), um signo é o resultado da união de um plano da expressão com um plano do conteúdo, postulado que também rege a teoria semiótica, pois é a conjunção entre as formas da expressão e do conteúdo que resulta na semiose, como asseguram Greimas e Courtés (2008, p. 299). Todavia, de acordo com Hjelmslev (2003), as figuras são não signos, ou seja, elas são somente plano da expressão ou somente plano do conteúdo. Dessa forma, uma figura equivale a apenas uma das partes de um signo e, conseqüentemente, não tem significação completa sozinha. Em resumo, para o linguista, as línguas “conforme sua estrutura interna, elas são, sobretudo, algo de diferente: sistemas de figuras que podem servir para formar signos” (HJELMSLEV, 2003, p. 52).

Leitor de Hjelmslev, Greimas publica *Semântica estrutural* em 1966, muito preocupado com as questões relativas à significação, que para ele cria e, ao mesmo tempo, pode apreender diferenças (FIORIN, 2003, p. 32). A semiótica, como adverte Fiorin (2003, p. 48) a respeito da proposta greimasiana nessa obra, tem o objetivo de determinar “o sistema estruturado de relações que produz o sentido do texto” e não o sistema da língua, como fizera Hjelmslev. Assim, em *Semântica estrutural*, Greimas (1973) chama a figura de figura nuclear, que corresponde ao núcleo sêmico de um lexema e, apesar de possuir um caráter geral, recobre, de forma aberta, as derivações semânticas possíveis.

Mesmo que o termo figuratividade ainda não faça parte da metalinguagem da semiótica em *Semântica Estrutural*, a observação de que a significação resulta da organização das figuras em um discurso a fim de produzir determinado sentido é evidenciada no tratamento das manifestações figurativas e não figurativas. Greimas (1973) afirma que são as manifestações

figurativas que possibilitam a descrição no discurso. Isso, porque as categorias sêmicas gerais que formam as figuras têm a capacidade de sustentar e de enquadrar a descrição de tal maneira que mesmo quando as manifestações figurativas ficam implícitas no discurso, remetem a uma explicitação, ou melhor, a uma concretização (ou modelo). Ao mesmo tempo, a manifestação pode ser não figurativa, ou seja, pode apresentar sememas com menos semas em seu interior, ou o que chama de figuras nucleares dissolvidas, criando configurações mais abstratas, mais distantes de modelos imediatamente perceptíveis, mas ainda portadoras de sentido. A diferença entre a manifestação figurativa e a não figurativa está no fato de a segunda ficar mais escondida no interior do discurso, como acontece no discurso científico.

Essa preocupação com a relação direta das figuras com o mundo natural e com a maneira como as figuras organizam os sistemas de valores dos universos idioletal e socioletal em discursos mais ou menos figurativos é observada, posteriormente, em *Du sens* (1975)¹¹; em *Maupassant* (1993) e; por fim, aperfeiçoada à medida que Greimas e Courtés conceituam os termos figura, figurativo e figurativização no tomo I do *Dicionário de semiótica*. Nessa obra, que apresenta na acepção figurativo a relação entre os componentes temático e figurativo, também é explorada a noção de isotopia, termo associado à manifestação, ou seja, à noção de figura, visto que é graças à isotopia, ou à colocação progressiva de elementos do mundo natural de um mesmo universo semântico em um discurso que garante a apreensão desse discurso (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 275-278).

Em 1968, Greimas publica "Conditions d'une sémiotique du monde naturel"¹². Nesse artigo, Greimas (1968, p. 5) discorre sobre a necessidade de situar o conceito de referente em um nível de epistemologia científica que encerre os debates entre os linguistas e os neopositivistas acerca da

¹¹ Esclarecemos que para fins de citação utilizaremos a tradução para o português de 1975, intitulada *Sobre o sentido*.

¹² Em 1970, esse artigo foi transformado em um dos capítulos de *Du sens*, ou *Sobre o sentido* (1975).

arbitrariedade do signo linguístico em relação à cultura. Assim, o referente é onde a significação se manifesta para o homem à medida que os signos se relacionam tanto com os sistemas linguísticos, quanto com os sistemas de significação do mundo natural¹³. Além disso, em *Sobre o sentido*, Greimas (1975, p. 42-43) esclarece que o mundo é apreendido na forma de expressão, que corresponde à manifestação sensível das línguas naturais. Segundo o semioticista, por meio da percepção a expressão é transcodificada em conteúdo e torna-se inteligível na manifestação linguística da estrutura semântica. Isso quer dizer que o mundo considerado “existente” para o homem é projetado semanticamente como “existente” e “significante” através de operações de transcodificação. Dito de outro modo, é nas operações de transcodificação que estão as figuras, pois possibilitam que o homem perceba o mundo através da linguagem.

Com seu em *Introduction à la sémiotique narrative et discursive* (1976), Courtés explora conceitos como manifestação, isotopia, significação, figura, figurativo e figurativização. Em 1978, Greimas publica o texto “Pour une sémiotique des passions” no número 6 da *Actes Sémiotiques-Bulletin* (GREIMAS, 1978), demonstrando uma preocupação da semiótica com o ser dos sujeitos ao mesmo tempo em que já lançava novos olhares sobre o papel da figura e da figurativização no discurso. Como já foi mencionado, em 1979, Greimas e Courtés publicam a primeira definição dicionarizada desses conceitos no tomo I do *Dicionário de semiótica*. Cabe ressaltar que os autores já citam o termo figuratividade nessa obra, advertindo o leitor de que o estudo ainda é embrionário e, por isso, a conceituação do termo exige cautela (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 211). Dessa forma, ao explorar o verbete figura, os autores afirmam que a melhor definição é aquela em que ao termo figura ficam reservadas apenas as “figuras do conteúdo que correspondem às figuras do

¹³ No tomo I do *Dicionário de semiótica*, Greimas e Courtés (2008, p. 234) associam o mundo natural ao “parecer segundo o qual o universo se apresenta ao homem como um conjunto de qualidades sensíveis, dotado de certa organização que faz com que o designemos por vezes como ‘mundo do senso comum’”.

plano da expressão da semiótica natural (ou do mundo natural)” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 210), de modo que as figuras de conteúdo se instalam no percurso gerativo a fim de propiciar o investimento semântico tanto ao nível figurativo, quanto ao nível não figurativo (ou abstrato) do discurso. À figurativização, corresponde a relação entre dois tipos de discursos: os discursos figurativos, que são recobertos por figuras mais concretas, isto é, mais próximas da iconização, efeito de sentido que reproduz o real em um grau mais alto; e os discursos não-figurativos, ou abstratos, que para serem percebidos exigem um grau maior de sensibilidade diante da manifestação discursiva. Por fim, o termo figurativo se ocupa do revestimento de temas por figuras pertencentes ao mundo natural de determinada cultura (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 210-213).

A conceituação desses termos é o ponto de partida para trabalhos que se detiveram exclusivamente ao estudo sobre a figuratividade *a posteriori*, como aqueles dos números 20 e 26 da *Actes Sémiotiques-Bulletin* – “La figurativité” (1981) e “La figurativité II” (ACTES SEMIOTIQUES-BULLETIN, 1983). No primeiro fascículo, os trabalhos publicados fazem uma reflexão sobre a figuratividade no que concerne à relação entre apreensões científicas e míticas do mundo, como descreve Geninasca (1981, p. 4). Ainda pensando o conceito no interior do nível discursivo, o debate que prevalece no número 20 da *Actes Sémiotiques-Bulletin*, é o da urgência de se desenvolver uma teoria do figurativo. No segundo fascículo, com vistas a dar ao conceito o estatuto que lhe é devido dentro do quadro geral da teoria, os trabalhos resultantes do seminário de 1982-1983 discutem todos os termos relacionados ao conceito: figura, ícone e referente, figura e símbolo, figura e motivo, percurso figurativo, isotopia figurativa. Além disso, a figuratividade é vista perpassando todos os níveis do percurso gerativo, com funcionalidades semânticas diferentes em cada estrato do percurso (BERTRAND, 1983). Mesmo assim, no posfácio da obra, Greimas (1983a, p. 51) reconhece que apesar de todas as discussões prevalece a necessidade de continuidade do debate sobre a figuratividade,

principalmente na qualidade de produtora da sintaxe discursiva, pois esse assunto não foi tratado no seminário naquele ano. Em 1984, no número 60 da *Actes Sémiotiques-Documents* – “Sémiotique figurative et sémiotique plastique” (GREIMAS, 1984), o semioticista estuda a figuratividade no âmbito de uma semiótica do visual e dedica o texto ao trabalho de Floch, ainda a ser publicado em 1985, no qual analisa a figuratividade, a não-figuratividade, os sincretismos e a plasticidade de textos visuais, *Petites mythologies de l’oeil et de l’esprit*. Nessa obra, Floch (1985, p. 13) busca tratar das relações entre a “visão” e o “espírito”, entre o visível e o sentido, e a figuratividade ocupa papel central nessas relações.

Em 1986, Greimas e Courtés publicam o tomo II do *Dictionnaire raisonné de la théorie du langage*. Nessa obra, Floch discorre sobre o verbete figuratividade e a define não apenas como um elemento do nível discursivo que produz efeito de realidade por meio do processo de ancoragem, mas também como um tipo de operador que perpassa todos os níveis do percurso conforme articula e une os espaços cognitivo e tímico (GREIMAS; COURTÉS, 1986, p. 130). No ano seguinte, em *De l’imperfection* (1987), ou *Da imperfeição*, tradução de 2002, Greimas (2002, p. 74) situa a figuratividade nos estudos semióticos sobre o sensível e exalta a sua importância na construção de novas significações até mesmo por meio de canais sensoriais. É um novo modo de compreender a figuratividade na relação com o sentido, que vai além da identificação de elementos do mundo natural, mas se associa à experiência sensível, ao modo como o sujeito percebe e apreende o sentido pelos sentidos (ou pelo corpo), como demonstram Greimas e Fontanille (1993, 1991, p. 13) no estudo das paixões em 1991. No mesmo ano, em “Figurativité et perception”, número 17 da *Nouveaux actes sémiotiques*, Keane (1991) associa a figuratividade à experiência estética e propõe que a figuratividade tem duas faces, uma profunda e outra superficial, assim como Silva, que em 1995, na obra *Figuratividade e metamorfose: o mito de Narciso*, une a figuratividade tanto à experiência estética, quanto ao imaginário humano à medida que

percorre “o caminho entre a figuratividade plena da superfície textual e sua figuratividade profunda” (SILVA, 1995, p. 35).

Alguns anos depois, em *Caminhos da semiótica literária*, originalmente *Précis de sémiotique littéraire*, Bertrand (2003, p. 17-20) ratifica as conclusões em torno do conceito a partir de sua dicionarização em 1986 conforme ressalta a existência de uma dimensão figurativa da significação que

[...] se interessa pela maneira como se inscreve o sensível na linguagem e no discurso, ou seja, basicamente, a percepção e as formas da sensorialidade. Essa dimensão figurativa da significação, a mais superficial e rica, a do imediato acesso ao sentido, é tecida no texto por isotopias semânticas, e recobre com toda sua variedade cintilante de imagens as outras dimensões, mais abstratas e profundas. (BERTRAND, 2003, p. 29).

Dessa forma, o lugar da articulação da figuratividade fica definitivamente deslocado da antiga ideia de que pertencia apenas ao nível superficial do percurso gerativo do sentido, como se acreditava nos debates dos seminários em 1980-1981, e abre novos espaços de investigação, segundo Bertrand (2003, p. 238).

Vejamos agora, como se dá a relação entre a figuratividade e a enunciação na construção da significação.

A enunciação e a figuratividade na análise semiótica

Para entendermos como a enunciação e a figuratividade se articulam no discurso, tomemos como ponto de partida a perspectiva de que esses conceitos operavam apenas no nível discursivo, ou seja, quando a análise semiótica observava a figuratividade na relação entre sujeitos da enunciação – enunciador e enunciatário – e estratégias enunciativas para produção de efeitos de sentido de verdade conforme as estruturas semionarrativas convergem em estruturas discursivas.

No artigo “Le contrat de veridiction”, publicado na revista *Man and World* em 1980 e republicado em *Du sens II* em 1983, Greimas afirma que o discurso é o lugar onde se manifestam a verdade e a falsidade, a mentira e o segredo

(GREIMAS, 1980). Essas modalidades veridictórias resultam da relação entre enunciador e enunciatário, que são papéis temáticos discursivos que recobrem papéis actanciais e actantes narrativos. Barros (2002, p. 136) ainda acrescenta que a enunciação manifesta-se em dois diferentes percursos temáticos: da produção e da comunicação. No percurso temático da produção, o sujeito da enunciação é sincretismo de enunciador e de enunciatário; ao percurso temático da comunicação, cujo objetivo é levar o enunciatário a crer e a realizar o fazer interpretativo, cabe os papéis de enunciador e de enunciatário. Dessa forma, no percurso da comunicação, o enunciador persuade o enunciatário a crer no seu discurso, ao mesmo tempo em que subordina suas escolhas à imagem que constrói do enunciatário. Há um contrato implícito entre os dois actantes da estrutura da comunicação chamado contrato de veridicção, que corresponde a uma ilusão contratual. O sujeito da enunciação constrói um discurso fundamentado em uma verdade que é apenas um efeito de sentido, um simulacro, pois sua produção consiste em fazer-parecer-verdadeiro, e visa à adesão do destinatário a quem se dirige.

Tendo em vista, portanto, que o contrato de veridicção é um contrato enuncivo e, por isso pressupõe a construção de um crer-verdadeiro por parte do enunciador a fim de persuadir o enunciatário, como esclarecem Greimas e Courtés (2008, p. 530), o enunciador também realiza procedimentos discursivos que contribuem com a produção de efeitos de sentido de verdade capazes de fazer com que o enunciatário creia no discurso (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 530-531). Um desses procedimentos é a figurativização, ou seja, a introdução de elementos do mundo natural – antropônimos (atores), topônimos (espaços) e cronônimos (indicadores temporais) – genéricos ou específicos que ancoram o discurso na realidade à medida que a reproduzem, em maior ou menor grau (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 210-212).

Assim, a crença que leva à adesão se dá por meio da aceitação das escolhas temáticas e figurativas que preenchem os papéis actanciais e transformam actantes em atores, garantindo a narrativização da enunciação.

Além disso, a construção sintática e figurativa do tempo e do espaço também configura um cenário que integra enunciador e enunciatário.

O trabalho desenvolvido por Ignácio Assis Silva em *Figurativização e metamorfose* (SILVA, 1995), por sua vez, amplia a relação entre figuratividade e enunciação nos demais patamares do discurso, perspectiva adotada já em meados da década de 1980 e que também leva em conta o componente passional, embora não tratemos dessa questão no momento. Nessa obra, o semioticista brasileiro investiga a figuratividade tanto na estrutura de superfície, quanto na estrutura mais profunda do discurso ao tratar da metamorfose (SILVA, 1995, p. 47). Para a realização dessa tarefa, sente a necessidade de investigar a natureza do mítico tanto para a semiótica, quanto para a linguística, o que o conduz à contribuição hjelmsleviana presente nos *Prolegômenos* (HJELMSLEV, 2003) para a questão, visto que Hjelmslev já relaciona, nessa obra, linguagens simbólicas e semissimbólicas, que são precursoras da racionalidade mítica na linguagem. Também dá destaque à contribuição de Benveniste e de seus estudos sobre enunciação para a vertente mítica da linguagem (SILVA, 1995, p. 48). Conforme perpassa pela relação entre sujeito e objeto e pela construção do ator, o semioticista mostra, através de trabalhos de Floch e Thürlemann, como a enunciação e a figuratividade engendram a significação para a construção do imaginário, pois, da mesma maneira que a figuratividade faz crer por meio do contrato de veridicção entre enunciador e enunciatário, a enunciação é uma “operação que faz-ser o sentido mítico” (SILVA, 1995, p. 61-62).

Um dos pontos altos do modo como Silva apresenta essa relação entre enunciação e figuratividade é a metáfora da construção:

[...] tomar da colher de pedreiro, apanhar a massa e esparramá-la sobre o tijolo e por cima assentar outro é um ato complexo que se sustenta em operações abstratas, para entender a construção da parede (do enunciado), em vez de prestar atenção no tijolo, vamos prestar atenção naquilo que subjaz ao tijolo; em vez de prestar atenção no signo, vamos prestar atenção no subsigno, no que Hjelmslev chama de figura. [...] Sabemos que uma colher de pedreiro não se reduz a seu sentido sógnico de artefato com que se transporta

massa de um ponto para outro; ela se define também – e sobretudo – pela sua função mítica (simbólica). (SILVA, 1995, p. 63).

Assim, se pensarmos na colher de pedreiro como signo, no encontro desse signo com outro acontece um ato de linguagem entendido como enunciação, e do qual nasce um novo signo virtualizado em códigos chamados por Silva de “símbolos vivos”, que são apreendidos no discurso graças à figuratividade e à relação semissimbólica com o mundo natural (SILVA, 1995, p. 63-65). Em outros termos, a enunciação é um ato de linguagem ainda virtualizado, que somente ao se transformar em enunciação enunciada pode ser apreendido pelo enunciatário e essa apreensão se deve à figuratividade, ou seja, aos arranjos e rearranjos figurativos que o levam a crer no discurso.

Uma última perspectiva é depreendida de *Tension et signification* (FONTANILLE; ZILBERBERG, 1998). Com a expansão no quadro teórico-epistemológico da semiótica introduzida pela entrada do componente passional, o contrato de veridicção e a fidúcia passaram a ser tratados pela projeção dos conteúdos modais (saber e o crer) sobre os gradientes da intensidade e da extensidade. Esse fato permitiu interpretar em termos de gradação a estratégia do enunciatário, que pode regular a confiança de seu enunciatário.

Algumas considerações

Da perspectiva da metodologia da historiografia linguística, apresentamos obras e datas de suas publicações, autores, pontos de vista sobre o modo como a enunciação e a figuratividade operam na análise semiótica. Também arrolamos, à medida que traçávamos o histórico de cada conceito, as fases do amadurecimento teórico dos conceitos investigados e até mesmo alguns embates teóricos, como a divergência entre a semiótica objetiva de Greimas e a semiótica subjetiva de Coquet em torno da enunciação. Por fim, relacionamos os dois conceitos, buscando demonstrar de que modo enunciação e figuratividade se organizam no processo de produção de significação em um discurso.

Resultantes de estudos anteriores à *Semântica estrutural*, desenvolvidos por linguistas como Benveniste, no caso da enunciação, e Hjelmslev, no caso da figuratividade, e de pesquisadores de outras áreas das ciências sociais, cujas obras complementaram as investigações semióticas em torno de preocupações inerentes à construção da significação por esses conceitos, a operacionalidade da enunciação e da figuratividade tornou-se evidente desde que passaram a integrar os estudos semióticos. São, portanto, duas ferramentas conceituais, latentes desde o início no conjunto teórico da semiótica, que aos poucos se desenvolveram, assumindo papéis fundamentais na análise de textos verbais e não verbais.

Cabe ressaltar que de 1966 a 2000, os conceitos de enunciação e de figuratividade vivenciaram diferentes fases de desenvolvimento da teoria, pois foram objetos de inúmeras discussões nos Seminários de Semiótica que resultaram em uma gama de estudos publicados na revista *Actes Sémiotiques / Nouveaux Actes Sémiotiques*. Além desses textos, pesquisadores como Coquet, Floch, Silva, Bertrand, Fontanille e Greimas, entre outros semioticistas, também publicaram obras inteiras ou capítulos inteiros dedicados à enunciação e à figuratividade.

A contribuição de Coquet e de Fontanille para os estudos sobre enunciação é grande, assim como os trabalhos de Floch, Silva e Bertrand para a figuratividade, sem mencionar Greimas que articulou esses conceitos em seus trabalhos ao longo dos anos. Exemplificamos a retomada da discussão iniciada em *Semântica estrutural* (1966) acerca da manifestação figurativa e da não figurativa, que fica mais no interior do discurso, que mais tarde se transformaram em procedimentos de figurativização e de tematização, de forma que em um discurso podem se destacar isotopias mais figurativas ou mais temáticas, como demonstra o verbete figurativo no tomo I do *Dicionário de semiótica* (1979). Lembramos, também, a relação das categorias de espaço, de tempo e de pessoa nos procedimentos de embreagem e de debreagem presentes nas estruturas discursivas do percurso gerativo do sentido. Ademais,

todos os verbetes correlacionados à figuratividade também estão correlacionados ao verbete enunciação, uma vez que, inicialmente, ambos fazem parte apenas do nível discursivo do percurso. Uma relação tão intrínseca que da mesma forma que a figuratividade deixa de ser entendida apenas como elemento das estruturas discursivas e passa a integrar as estruturas mais profundas do discurso, o mesmo ocorre com a enunciação.

Observando a história da semiótica e a forma como esses conceitos operam juntos e em conjunto, como já vimos, outro dado importante é o fato de esses conceitos se manterem em evidência na teoria mesmo, e em certa medida, principalmente, a partir do momento em que a semiótica passou a contar com contribuições de trabalhos no âmbito da fenomenologia, como a percepção. Essa, talvez seja a grande guinada teórica na história da semiótica, marcada pela publicação de *De l'imperfection* (GREIMAS, 1987) e *Sémiotique des passions* (1991) que inspiraram trabalhos nos quais a enunciação e a figuratividade se mantêm operacionais mesmo após o alvorecer de novos pontos de vista sobre a teoria e sobre os novos objetos de análise, como observamos em *Tension et signification* (FONTANILLE, 1998) e *Précis de sémiotique littéraire* (2000).

Referências

- ACTES SEMIOTIQUES-BULLETIN. La Figurativité, II. Paris, v. 6, n. 26, 1983.
- ALTMAM, Maria Cristina Fernandes Salles. *A pesquisa lingüística no Brasil (1968-1988)*. São Paulo: Humanitas, 1998.
- BARROS, Diana Luz Pessoa. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. São Paulo: Humanitas, 2002.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. Tradução de Maria da Glória Novak e Luiza Neri. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. Tradução de Eduardo Guimarães. 2. ed. Campinas: Pontes Editores, 2006.

- BERTRAND, Denis. *Caminhos da semiótica literária*. Tradução do Grupo Casa. Bauru: EDUSC, 2003.
- BERTRAND, Denis. Introduction. *Actes Sémiotiques*: bulletin, Paris, n. 26, 1983.
- BERTRAND, Denis. L'impersonnel de l'énonciation. Praxis énonciative: conversion, convocation, usage. *Protée*, [S. l.], v. 21, n. 1, 1993.
- COQUET, Jean-Claude. *La quête du sens*. Paris: PUF, 1997.
- COQUET, Jean-Claude. *Le discours et son sujet 1*. Paris: Klincksieck, 1984.
- COQUET, Jean-Claude. *Le discours et son sujet 2*. Paris: Klincksieck, 1985.
- COURTÉS. Joseph. *Introduction à la sémiotique narrative et discursive*. Paris: Hachette, 1976.
- DOSSE, François. *História do estruturalismo*. O canto do cisne, de 1967 a nossos dias. Tradução de Álvaro Cabral. Bauru: Edusc, 2007.
- FIORIN, José Luiz. O projeto hjelmsleviano e a semiótica francesa. *Galáxia Revista de Comunicação Semiótica Cultura*, São Paulo, v. 5, p. 19-52, 2003. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/1314/810>>. Acesso em: 21 maio 2016.
- FLOCH, Jean-Marie. *Petit mythologies de l'œil et de l'esprit*. Hadès-Benjamins: Actes Sémiotiques, 1985.
- FONTANILLE, Jacques. *Le savoir partagé - sémiotique et théorie de la connaissance chez Marcel Proust*. Amsterdam: Hadès-Benjamins, 1987.
- FONTANILLE, Jacques. *Les espaces subjectifs : introduction à la sémiotique de l'observateur*. Paris: Hachette, 1989.
- FONTANILLE, Jacques; ZILBERBERG, Claude. *Tension et signification*. France: Mardaga, 1998.
- GENINASCA, Jacques. Avant-propos. *Le Bulletin*, Paris, n. 20, 1981.
- GREIMAS, Algirdas Julien et al. *Ensaio de semiótica poética*. Tradução de Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix, 1976.
- GREIMAS, Algirdas Julien. Conditions d'une sémiotique du monde naturel. *Langages*, Paris, année 3, n. 10, p. 3-35, 1968. Disponível em: <http://www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_1968_num_3_10_2546>. Acesso em: 21 dez. 2016.

GREIMAS, Algirdas Julien. *Da imperfeição*. Tradução de Ana Claudia de Oliveira. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

GREIMAS, Algirdas Julien. *De l'imperfection*. Périgueux: Pierre Fanlac, 1987.

GREIMAS, Algirdas Julien. De la figurativité. *Actes sémiotiques: bulletin*, Paris: EHESS-CNRS, 1983a.

GREIMAS, Algirdas Julien. *Du sens II: essais sémiotiques*. Paris: SEUIL, 1983b.

GREIMAS, Algirdas Julien. L'Énonciation: une posture épistemologique. In: *Significação: Revista Brasileira de Semiótica*, Ribeirão Preto, n. 1, 1974. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/90115/92860>>. Acesso em: 1 fev. 2017.

GREIMAS, Algirdas Julien. Le contrat de veridiction. *Man and World*, Dordrecht, v. 13, n. 3, p. 345-355, Sept. 1980. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/469359?seq=1#page_scan_tab_contents>. Acesso em: 18 jan. 2017.

GREIMAS, Algirdas Julien. Pour une sémiotique des passions. *Actes sémiotiques: bulletin*. Paris, n. 6, 1978.

GREIMAS, Algirdas Julien. *Semântica estrutural*. Tradução de Haqira Osakabe e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1973.

GREIMAS, Algirdas Julien. Sémiotique figurative et sémiotique plastique. *Actes Sémiotiques: documents*. Paris, n. 26, 1984.

GREIMAS, Algirdas Julien. *Sobre o sentido II: ensaios semióticos*. Tradução de Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Edusp, 2014.

GREIMAS, Algirdas Julien. *Sobre o sentido: ensaios semióticos*. Petrópolis: Vozes, 1975.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. Tradução de Alceu Dias Lima. São Paulo: Contexto, 2008.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. *Sémiotique: dictionnaire raisonné de la théorie du langage*. Paris: Hachette, 1986. v. 2.

GREIMAS, Algirdas Julien; FONTANILLE, Jacques. *Semiótica das paixões: dos estados de coisas aos estados de alma*. Tradução de Maria José Rodrigues Coracini. São Paulo: Ática, 1993.

GREIMAS, Algirdas Julien; FONTANILLE, Jacques. *Sémiotique des passions: des états de choses aux états d'âme*. Paris: Seuil, 1991.

HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. Tradução de J. Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 2003.

KEANE, Teresa. Figurativité et perception. *Nouveaux Actes Sémiotiques*. Limoges, n. 17, 1991.

KOERNER, Ernst Frideryk Konrad. Questões que persistem em historiografia linguística. *Revista da ANPOLL*, São Paulo, v. 1, n. 2, 1996. Disponível em: <<https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/240/253>>. Acesso em: 21 maio 2016.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. Tradução de Tânia Pellegrini. Campinas: Papirus, 1989.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1995.

SILVA, Ignácio Assis. *Figurativização e metamorfose: o mito de narciso*. São Paulo: UNESP, 1995.

SWIGGERS, Pierre. La historiografía de la lingüística: apuntes y reflexiones. *Revista Argentina de Historiografía Lingüística*, República Argentina, v. 1, n. 1, 2009. Disponível em: <<http://www.rahl.com.ar/index.php/rahl/article/view/6/18>>. Acesso em: 12 abr. 2016.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*. Tradução de José Carlos Bruni. São Paulo: Nova Cultural, 1999.